

LA LOBA DE ALFONSINA STORNI EM UMA OFICINA DE MULHERES, NA PRISÃO

Simone Lisboa Scheffler Anselmo¹

O presídio de Florianópolis, instituição criada em 1989, abriga sentenciadas que cometeram delitos em todo o estado de Santa Catarina. Estas pelo grau de periculosidade, quantidade de pena ou inexistência de presídios regionais, são direcionadas para essa instituição, onde cumprirão suas penas até seu término, ou até que se resgatem alguns dos benefícios (Livramento Condicional ou Prisão Albergue Domiciliar), concedidos pela Lei.

A prisão, sob ótica feminina, é um espaço reservado para aquelas que descumpriram normas preestabelecidas, contudo, segundo Lagarde², em outros casos é somente uma troca de lugares, uma vez que muitas mulheres “estão presas e diversas são suas prisões na sociedade e na cultura. Pelo simples fato de serem mulheres num mundo patriarcal, todas dividem a prisão constituída por sua condição genérica!. Estas presas estão, na maioria, ociosas, querendo participar de atividades educativas que poderão preencher seu tempo, vislumbrando alternativas para seu dia a dia.

As detentas, quando cumprem a pena, ou são egressas, tornam-se excluídas e discriminadas, não tendo acesso, na maioria dos casos, a trabalho, saúde e principalmente educação, justificativa desta atividade educacional que foi realizada neste presídio. Teve como objetivo desenvolver uma alternativa de ensino de literatura. Os procedimentos de leitura e avaliação são efetuados por todas as mulheres envolvidas, incentivando o trabalho de criação como uma atividade intelectual significativa.

Iniciou-se a Oficina Literária com dezesseis mulheres no Presídio Feminino de Florianópolis/SC em fevereiro de 2004, estendendo-se ainda esta atividade até julho de 2004. Através da metodologia de Meserani (2001) utilizou-se a técnica de Redação Criativa que estimula os alunos em ler e escrever, que foi nosso maior desafio. A idéia era trabalhar

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – Santa Catarina – Brasil.

² LAGARDE, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Dirección General de Estudios de la posgrado da Universidad Nacional Autónoma, 1997, p.642.

com poesias diferentes, explorando a leitura, a escrita e o estudo de novos vocábulos. Assim as presas poderiam desenvolver sua linguagem, reconstruir conceitos, através da prática com os textos poéticos.

Neste método indexou-se outros estímulos anteriores (atividades de relaxamento) também importantes ao processo de leitura, interpretação e produção de textos. Estas atividades de exercícios corporais de caráter lúdico, são técnicas da prof^a. Alai Garcia Diniz (UFSC). Através destes exercícios de alongamento, atividades lúdicas e de respiração, possibilitava-se o relaxamento necessário para a parte posterior, criativa. Vejam como as mulheres do MST (Movimento dos sem terra) participavam das atividades propostas por essa professora:

O contato lúdico com o poema a partir do jogo teatral, mímica e voz, exigiu o trabalho corporal com exercício e laboratórios. A cada passo proposto, as fisionomias se descarregavam, e essas mulheres marcadas com o vinco da seriedade no rosto, descontraíam-se deixando por um momento a rigidez corporal, fruto de esforços repetitivos no trabalho ... Às vezes, elas pareciam um bando de crianças que descobria a intensidade de um movimento corporal nunca antes experimentado. O riso era a primeira evidência da necessidade do trabalho corporal que, entre tantas outras necessidades vitais, ficava elas, certamente, em último plano.³

Situação semelhante à das mulheres do MST, ocorre com as presas de Florianópolis/SC, que conseguiam libertar-se de suas tristezas e depressões assim que participavam das atividades, iniciadas por exercícios de relaxamento.

A situação das mulheres nos presídios pode ser sintetizada na frase de Morga⁴ que diz que são “esquecidas, desqualificadas, mal pagas e confinadas a algumas atividades”. Essas Marias, Joanas, Cecílias ou Adélias possuem suas histórias pessoais e se vêem inseguras precisando ir juntando retalhos na tarefa de sua recuperação. Exclusão, preconceito, discriminação e estigma são substantivos atribuídos as pessoas que cumprem penas. Por representarem um percentual pequeno, segundo IBGE (2007) cerca de 5 % da população feminina prisional brasileira, não recebem a mesma atenção dispensada à

³ DINIZ, Alai Garcia (I)magens em torno de capricho e vergonha. In MORAES, Riah, C. et alii Genealogias do Silêncio: feminismo e gênero: Ed. Mulheres, 2004. P.10

⁴ MORGA, Elenir. História de Mulheres de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2001. P.11

população masculina. Matematicamente em número reduzido, seria mais fácil oferecer-lhes educação, trabalho e cursos profissionalizantes para que quando de seu retorno ao convívio social, estivessem mais aptas a uma sociedade cada vez mais exigente.

Num universo de 80 presas, realizou-se a oficina de Redação com 20% do total. Esta oficina foi efetuada com mulheres que estavam cumprindo pena no regime fechado ou semi-aberto⁵. Das que participaram da oficina, a maioria delas (60%) possuíam apenas ensino fundamental, advindo de setores pobres a sociedade, tais como periferia e interior do estado. O pouco acesso ao estudo foi devido a atividades laborativas desde cedo, para auxiliar na manutenção da renda familiar, ou por não obterem muito apoio da família para continuarem na escola.

Das mulheres que realizaram a oficina de redação, 35% tinha idade entre 21 e 30 anos, 50% entre 31 e 40 anos e apenas 15% entre 41 e 72 anos. Como estavam na faixa de idade adulta, possuíam personalidade formada, tendo consciência do que já realizaram de positivo ou não em suas vidas e das conseqüências de seus atos. Já quanto à pena imposta, 75% cumprem pena de três a seis anos que referem-se ao tráfico de drogas ou assalto à mão armada. Como o tráfico de drogas é considerado um crime hediondo, a maioria das mulheres condenadas neste delito em Florianópolis, não o assume, afirmando terem sido envolvidas pelos companheiros.

Na Redação Criativa se aposta na criação literária onde para Meserani (2001, p.1) *o criador aprende a criar criando. E não esperando que a inspiração lhe dê a porta aberta*. Construir um texto criativo implica em se utilizar de fatores psicológicos como a fluência (idéias e textos que se produz), flexibilidade (capacidade de mudar de idéias, comportamentos, padrões textuais) e originalidade (produzir algo novo, único, original).

O processo para vir a escrever depende de uma série de ações interiores (o que se pensa, sente e lembra) e exteriores (o que se fala e se escreve). Este instante é muito tempestivo. Existem momentos de muita ou pouca inspiração. Todo processo de criação passa por etapas como a primeira de estímulo, a posterior permitir asas à leitura, e

⁵ No regime fechado as presas só tem direito a trabalhar ou estudar, e no semi-aberto podem sair para visitar suas famílias 35 dias anuais.

finalmente ler um texto inteligente e crítico para escrever prazerosamente sobre sua vida e suas mudanças.

Nesta metodologia de redação criativa, o que é escrito deve ser lido na oficina, onde todos participam da revisão. A correção gramatical e ortográfica não é finalidade ou objetivo dela. Em caso necessário, os alunos serão encaminhados para pesquisas em livros didáticos e gramaticais.

Para Meserani⁶ “o criador aprende a criar, criando. E não esperando que a inspiração lhe dê a porta aberta”. Construir um texto criativo implica fatores psicológicos como a fluência (idéias e textos que se produzem), flexibilidade (capacidade de mudar de idéias, comportamentos, padrões textuais) e originalidade (produzir algo novo, único, original).

A poesia foi a mola propulsora que motivou as mulheres a desvendarem suas emoções através das palavras, criando! Se a pena atinge tão duramente a vontade dos que estão incluídos nos sistemas prisionais e com as auto-estimas em baixa, dificultando sua reeducação, a poesia poderia devolver-lhes a possibilidade de reflexão? Esta era uma das indagações no início desta pesquisa.

Essas presas contaram suas histórias nas oficinas. A maioria, com filhos pequenos apresentaram suas dificuldades econômicas, a difícil experiência que estavam passando e o pouco apoio que recebiam de seus familiares, neste processo de recuperação.

Quando se fala de encarcerados, os estudiosos sobre o assunto, a Lei de Execuções Penais, a sociedade, utilizam palavras como reeducação, recuperação, ressocialização, com a maior facilidade. Será possível reeducar sem oferecer nenhum incentivo educacional? Será possível reeducar, se elas estão isoladas da sociedade que simplesmente as colocou à margem?

Para Paulo Freire⁷ a educação é uma resposta, uma busca realizada pelo próprio ser humano, pois ele é que deve ser o sujeito de sua própria educação e não seu objeto pois

⁶ MESERANI, Samir Curi. *Redação Escolar: Criativa* – São Paulo: Ática, 2001. P.1

⁷ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*, 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979. P.5

“ninguém educa ninguém. Ela deve ser permanente, “quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar”. As encarceradas de Florianópolis, objeto desse estudo, sofrem vários estigmas e um deles é por serem mulheres.

Historicamente as mulheres foram excluídas das decisões familiares. Eram exaltadas como mães na intimidade do lar, ou tendo uma imagem de fragilidade, submissão e cordialidade, que em nada corresponde ao mundo atual sedento de pessoas decididas com muita coragem e força.

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. Entretanto, a ênfase mais atenta do cotidiano ... faz com que as tiremos das dobras do tempo para mostrá-las nas diferentes relações entre os sexos. Não é apenas por serem mulheres que elas são objetos da história. No silêncio, nas ações ou nas palavras, essas mulheres podem ser vistas, mesmo que nas sobras das contingências das exclusões ou no redondilho que as moldou idealizadas.⁸

A mulher, no passado, era vista como alguém que necessitava de amparo e que alguém mais forte a conduzisse pela vida, cerceando mente, ações, decisões e vontades. A mulher, em muitos aspectos, parecia uma mera escrava, uma serviçal, alguém sem vontade própria. Se permaneceram à margem da sociedade pelo cometimento de delitos, estarão mais e mais esquecidas, emudecidas pela impossibilidade de apresentarem suas falas à sociedade, que, conhecendo-as melhor, poderia deixar de julgá-las.

A sociedade, enquanto agente punidor e ressocializador, vislumbra na mulher que está cumprindo pena a possibilidade de mudanças, precisando que lute contra estes preconceitos para, ao final readaptar-se no meio social e só será possível aperfeiçoando-se nos estudos, que propiciaria auto-estima suficiente para enfrentar os estigmas. “Daí é que reside a necessidade da existência e continuidade de um campo de estudos dedicados às experiências pessoais das mulheres”.⁹

Realizar uma pesquisa junto às mulheres em situação de prisão é oportunizar o conhecimento desta situação para minimizar preconceitos a essa parcela da sociedade tão

⁸ MORGA, Elenir. Op. Cit. P.39

⁹ MORGA, Elenir. Op. Cit. P.11

esquecida, bem como possibilitar o auto-conhecimento, resgatando o seu desejo de mudanças para uma vida mais positiva e salutar.

Agora a dificuldade maior era despertar o interesse das presas em ler. A leitora teria que estar envolvida pelo texto, onde a leitura dos livros seria algo mágico, encantado. No binômio ler e prazer, produzira-se a diferença: alunas interessadas, melhores leitoras, novas escritoras.

A concepção de poesia de Thomas Stearns Eliot expressa em sua obra *The Use of Poetry and de Use of criticism* acrescenta que:

A poesia pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e de julgar [...] e faz ver às pessoas o mundo com olhos novos ou descobrir novos aspectos deste. De vez em quando, ela pode dar-nos uma consciência mais ampla dos sentimentos profundos que formam o substrato do nosso ser, ao qual bem raramente acedemos; porque a nossa vida é, em geral, uma contínua evasão de nós mesmos e do mundo visível e sensível.¹⁰

Assim as presas, através da poesia, poderiam desenvolver sua linguagem, reconstruir conceitos, através da prática com os textos poéticos. A pesquisa voltada para a interação com a poesia em ambientes hostis pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e julgar, fazendo as encarceradas olharem o mundo e a si mesmas com novos olhos.

Por isso ousou-se realizar uma Oficina Literária de poesia com mulheres que estavam cumprindo pena no Presídio de Florianópolis/SC. Bachelard¹¹ afirma que “é necessária a união de uma atividade sonhadora e de uma atividade ideativa para produzir uma obra poética. A arte é natureza enxertada”. Este autor insiste no enxerto porque o poema participa da natureza, de seus elementos, tanto quanto da cultura, não podendo ser separado um do outro. Cada poema novo é um ato diferente de conhecimento do que foi dito, imaginado e sentido.

¹⁰ ELIOT, Thomas Stearns. *The Use of Poetry and the Use of criticism*. London: Faber, 1933. P.20

¹¹ BACHELARD, G. *L'Eaut et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière*, Paris: José Corti, 1942, p.14

A arte poética recria ideais e sonhos. A missão da poesia é dizer. A poesia é uma só: é de todos. Se a poesia é uma, seus motivos são infinitos. Ela liberta o ser humano. E nada melhor que uma pessoa enclausurada para poder exprimir sua relação com a liberdade, por estar tão distante dela. A poesia aqui, apresenta-se como terapia, podendo reconstruir a auto-estima, devolvendo a dignidade de uma pessoa que a perdeu nos caminhos da vida.

A oficina de que tratamos ao mesmo tempo que é dolorosa, vívida e sofrida; é também libertação, reformulação e recriação. O prazer em escrever ou falar é possível, desde que a criatividade seja estimulada. Depois de ouvir e ser ouvido, de anexar suas vivências às leituras trabalhadas em sala de aula, o aluno estará estimulado a criar e escrever.

Esta oficina foi realizada com mulheres privadas da liberdade. Todas gostavam da poesia, tinham sido apresentadas á ela desde a infância e começaram a escrever na juventude. Priorizou-se a temática feminina e dentre diversas autoras realizou-se leituras de poesias de autoras estrangeiras, dentre elas Alfonsina Storni, que viveu na América do Sul.

Alfonsina Storni nasceu na Suíça em 1892, mas menina veio viver na Argentina. Levou uma vida de privação e solidão. cedo começou a trabalhar, andou pelo mundo e voltou para casa. Poeta de natureza apaixonada, desvendada as paixões de cada um nas linhas de seus poemas. Seus poemas são incisivos e eficazes, podendo ser considerada para a época em que viveu, uma feminista. Aos 20 anos é mãe de quem será seu único filho, Alejandro, sendo seu companheiro inseparável. Descobre-se portadora de câncer no seio em 1935. O suicídio de um amigo Horácio Quiroga, em 1937, abala-a profundamente, levando Alfonsina de encontro ao mar em outubro de 1938, quando suicidou-se.

Fredo Arias de la Canal ¹² escreveu em seu livro *El protoidioma en la Poesia de Alfonsina Storni* que Storni era vivaz, construtiva, comunicativa, mas triste e silenciosa em sua intimidade. Era uma mulher luminosa, profundamente feminina, tendo como traço de caráter mais particular o amor pela verdade.

¹² CANAL, Fredo Arias de la *El protoidioma en la Poesia de Alfonsina Storni*. México: Frente de Afirmación Hispanista, AC. 2001.

Em seu segundo lar, na Argentina, Alfonsina registrou em seus poemas as dúvidas e contradições de seu tempo, trazendo à superfície a situação das mulheres e seu desassossego diante das limitações que lhes eram impostas. Ela se colocava totalmente fora dos modelos femininos da época, tendo coragem de dizer que é livre para amar alguém.

A poesia “A Loba”, uma das atividades desenvolvidas na Oficina Literária, levou às sentenciadas a profundas reflexões sobre as possibilidades de mudança em suas vidas. Levou-as a questionamentos, sonhos, desejos e esperanças, refletidos nos belos poemas que apaixonadamente criaram, inspiradas nesta autora.

O discurso de Storni, na poesia La Loba, para Alai Garcia Diniz ¹³ é uma luta contra os preconceitos de homens e mulheres, e uma intensa solidão nascida da ruptura e da fuga do modelo de vida do rebanho que já não a satisfaz e a devorava. Sorni combinava poesia com oralidade, demonstrando que o ato de escrever não era um espaço genuinamente masculino.

As mulheres que cumprem pena em presídios brasileiros sofrem pelas autoridades públicas e principalmente pela sociedade um total descaso. São excluídas e discriminadas não tendo acesso, na maioria dos casos a trabalho, saúde e principalmente a educação.

Por representarem um percentual pequeno, segundo IBGE (2001) em torno de 5% da população prisional brasileira, não recebem a mesma atenção dispensada à população masculina.

A lógica indicaria exatamente ao contrário! Matematicamente em número reduzido seria muito mais fácil oferecer-lhes educação, trabalho e cursos profissionalizantes para quando do seu retorno à sociedade estejam mais aptas à uma sociedade cada vez mais exigente, evitando a reincidência.

A pena deveria ter como objetivo ressocializar e não apenas isolar as pessoas da sociedade, fechando-se os olhos, como se elas não retornassem algum dia novamente ao

¹³ DINIZ, Alai Garcia. Alfonsina Storni e o discurso desbocado da loba. In: As mulheres são o diabo. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004. P.15

seio familiar e comunitário, de preferência renovadas criticamente. As penas, secularmente, não mais atingem mais o suplício físico, como nos primórdios da humanidade.

Se não é mais o corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que então se exerce? A resposta dos teóricos – daqueles que abriram por volta de 1789, o período que ainda não se encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições (FOUCAULT, 2002, p.18)

Se a pena atinge agora tão duramente a psique, a vontade dos que estão incluídos nos sistemas prisionais, sua auto-estima fatalmente estará em baixa, dificultando assim suas reflexões. A poesia poderá lhe devolver a possibilidade de interiorização, principalmente em poesias como de Alfonsina Storni, que, impregna em que a lê, a múltiplas indagações.

Bosi (2001, p. 251), questiona como é possível incluir o excluído no *circuito de uma cultura cuja forma privilegiada é a letra de forma*? Ele mesmo apresenta a solução deste enigma salientando (2002, p.261) que *os atos de ler e escrever podem converter-se em exercícios de educação para a cidadania*.

A oficina literária foi realizada com dezesseis sentenciadas (20% do total), que estavam cumprindo pena no regime fechado ou semi-aberto¹⁴. Das que participaram 60% possuía apenas o ensino fundamental, com idades variando entre vinte e um e trinta anos (50%) e penas de três a quinze anos. Todas gostavam de poesia desde a infância e começaram a escrever na juventude.

Na apresentação do poema La Loba, na Oficina Literária do Presídio de Florianópolis/SC, seguiram-se alguns passos: após a leitura do poema em espanhol, seguido de tradução, debateu-se o assunto, realizando uma interpretação do texto. Ao final solicitou-se que aquelas mulheres criassem uma ficção. Pensariam em um animal, aquele que mais gostavam, ou com que mais se identificavam. Depois explorariam a imagem desse animal em toda sua plenitude, escrevendo o texto que lhes viesse à mente.

¹⁴ No regime fechado as presas só tem direito à remição (cada três dias trabalhados diminui um dia de pena) pelo trabalho ou estudo e no regime semi-aberto tem direitos a saídas temporárias para visitar a família.

Observando a criação de LF, 4ª série, 42 anos e 8 anos de pena, impossível não vislumbrar o poder de inclusão, ao processo de reflexão que a mesma realizou, embevecida pela poesia de Storni:

Eu sou uma águia livre e leve a flutuar
Podem me prender, podem me acorrentar
Liberdade, a minha, ninguém consegue alcançar
Um dia eles tem que me libertar
... E livre eu volto a voar...

Duas pessoas com vidas tão distintas (Storni e LF) presas em um mesmo pensamento sobre liberdade, possibilidade de voar distante de problematizações, dores, sofrimentos e decepções. De nacionalidades e séculos diferentes mas com similitudes de situações.

Lothead, poeta escocesa, citada por Brandão (1997) comenta que a poesia, a sua escrita, independe de nacionalidade. O poema, a poesia tem uma força, um conteúdo, um recado que a poeta dá, mostrando-se a si mesma. E espera-se que esse recado seja também importante para outras pessoas que conhecem e reconhecem pensamentos semelhantes.

Estas mulheres encarceradas encontraram nas palavras da poetisa suíça-argentina Alfonsina Storni, nas oficinas propiciadas pela literatura espanhola de uma outra mulher, a possibilidade de reconquistar sua auto-estima, produzindo textos próprios, com amor, vigor, repensando suas vidas e seu futuro.

JTM, 8ª série, 39 anos, 3 anos de pena, expressou-se assim:

Eu sou uma gaivota. Gosto da liberdade
Vôo alto, aprecio a natureza. Mas que pena!
Um caçador acertou minha asa e agora
Me encontro num abismo escuro e frio,
Querendo ser encontrada, para ser recuperada
Para retornar ao meu habitat e voar novamente
Livramento, sobre o mar e ser feliz.
Mas quando será? Será que ainda demora?

Como se pode verificar, a poesia a levou a uma profunda reflexão e desejo de mudanças.

O ato de ler que à primeira vista nos é tão familiar, ainda permanece misterioso, principalmente se pensarmos que pela leitura é possível um deslocamento no espaço e no tempo e, sem sair do lugar, ela permite viver as mais ousadas aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perder o juízo ou sair do coração. (CUNHA, 2001).

Tudo isto é permitido pela oficina literária. Para se viver esta intensa emoção utilizou-se de músicas, leituras orais, silenciosas, exercícios lúdicos, paráfrases, declamações. Todo convite à leitura que ajudasse a criação de textos desenvolvendo nas pessoas envolvidas a criatividade e a crítica, demonstrou a possibilidade de se alcançar os objetivos propostos por esta oficina.

No caso da poesia “A Loba” de Storni, iniciou-se apresentando-se a poesia em espanhol e, através da leitura e tradução, propiciou-se esta aproximação entre estas mulheres. Assim elas mergulharam na bela poesia mesclando a beleza criativa desta poetisa com suas possibilidades de escrita: “ Eu gostaria de ser um pássaro/ para poder sair voando para a liberdade. / Mas existem pássaros que vivem presos como nós!”

ALK, 23 anos, 2º grau incompleto, sem condenação, trazia no olhar a tristeza de sua separação com as filhas e a possibilidade de demonstrar que isto pudesse acontecer com qualquer outro mortal. Levou-se a muitas reflexões! O que faltou á sua vida? Mais oportunidades? Mais educação? Num mundo onde as mulheres ainda são discriminadas, o que seria destas mulheres que têm um passado sombrio e um futuro incerto?!

Num mundo onde as mulheres ainda são discriminadas, o que será destas presas que tem um passado sombrio e um futuro incerto e discriminador?

A poesia tem o dom de mergulhar na magia, no limite entre a verdade e o irreal. Pincela possibilidades, desperta a conscientização, a auto-estima, a esperança em um mundo melhor, mais igualitário.

Talvez por isso, MEM, 7ª série, 40 anos, 3 anos de pena, resumiu sua vida e seus desejos na seguinte poesia:

Eu sou uma sereia. Minha casa é o Mar
Meus amigos são os peixes...
Na lua cheia, vou para a Beira do mar, ver os homens!
Que belos que são!
... Canto minha canção, para encantá-los...
Que alegria, ser uma sereia
Vivendo no mar, LIVRE !

Nesta atividade as mulheres foram incentivadas a se utilizarem de sua imaginação. Um puro exercício de reflexão, que se instigava à curiosidade, ao desafio da ficção, de ter a capacidade de metamorfosear-se num animal de que gostava, que gostaria de ser, vivendo a experiência libertadora, de sê-lo.

Guadalupe Sanches¹⁵ em seu artigo sobre auto-estima, afirma que é um dos aspectos mais essenciais e intrigantes da estrutura do ser humano. A auto-estima é influenciada por experiências passadas, opiniões de pessoas relevantes que estão ou estavam ao nosso redor, sentimentos e percepções de si mesmo, insegurança, êxitos e fracassos, que aumentam ou diminuem a visão de nós mesmos. Para que a auto-estima deteriorada se rejuvenesça são necessárias atividades realizadas pela família, educadores e pesquisadores.

Para se conseguir entender as histórias dramas da vida destas mulheres em situação de prisão, utilizou-se das palavras enigmáticas de Alfonsina Storni, surgindo assim experiências únicas.

¹⁵ SANCHES, Guadalupe. Avaliação da Auto-Estima. *Revista de Psicologia*, vol XX, 2º semestre de 1997, nº 02, Peru: Fundo Editorial da PUC do Peru, 1977.

No resgate de suas penas, elas apresentam com criatividade suas memórias, um ensaio de autobiografia ou testemunho, através de suas poesias, possibilitando sonhar em serem escritoras, como as autoras que leram e as incentivaram a criar.

Ao se ouvir suas histórias, percepções, dores, sonhos e dramas, utilizou-se de textos escritos. Inspiradas nas belas, tristes e paradoxais palavras de Alfonsina Storni, a mais enigmática, surgiram experiências únicas.

Na busca de alternativa para situações tão complexas como as mulheres presas, pensou-se em incluí-las na cena literária, através de uma aproximação com a literatura feminina. A autora citada também teve uma história de vida repleta de situações ímpares, mas ao mesmo tempo de vitórias, porque a dor a impeliu a desenvolver sua capacidade interior de contato com o mundo exterior, utilizando-se de suas palavras inspiradas no sofrimento de suas vidas.

A oficina de redação foi um marco em minha vida. O desejo de construir algo que fosse além das palavras, utilizando o embasamento teórico construído nos anos de estudo no mestrado, impulsionou-se ao desafio de aproximação com um mundo estigmatizado.

Nesta caminhada a insegurança era saber se estar-se-ia contribuindo de alguma forma para as mulheres em situação de prisão.

Pelas poesias escritas, acredita-se de alguma forma foi possível contribuir, principalmente pois elas começaram a refletir suas vida, impulsionando novas caminhadas e reflexões.

Jesus Martín-Barbero ¹⁶ acrescentaria que para cada memória ativada existem milhares reprimidas, mudas; para cada memória legitimada existem incontáveis memórias excluídas. Bosi ¹⁷ salientava que, para lidar com o excluído e a escrita, é imprescindível apresentá-lo como sujeito do processo simbólico ao impulsioná-lo para o ato de ler e

¹⁶ MARTÍN-BARBERO, Jesus. *De los medios a las mediaciones. Comunicación, cultura y hegemonia*. México: GG Mass Média, 1987.

¹⁷ BOSI, Alfredo. Gramsci, a intimidade revelada. In: *Folhetim*, n.º 232. São Paulo: Ática, 1988.

escrever. Estes poderiam ser convertidos em exercícios de educação para a cidadania. A experiência de acesso à cultura é possível aos que nunca tiveram acesso à educação.

Longe de se afirmar que esta pesquisa, realizada com as mulheres cumprindo pena na prisão de Florianópolis/SC, utilizando-se de poesias femininas, seja a solução para a crise prisional. É uma alternativa para se resgatar a autoestima dessas mulheres, estimulando-as ao ato de ler e escrever, realizando uma atividade educativa e terapêutica com pessoas que já perderam tudo em sua vida e que agora estão privadas de um bem essencial que é a liberdade.

A oficina de que se tratou é a mesmo tempo dolorosa, vívida e sofrida; é também libertação, reformulação e recriação. O prazer em escrever ou falar é perfeitamente possível, desde que a criatividade seja estimulada. Depois de ser ouvido e ouvir, de anexar suas vivências às leituras trabalhadas em sala de aula, o aluno estará estimulado a criar e escrever.

Se permanecerem à margem da sociedade pelo cometimento de delitos, em muitos casos pelo envolvimento com seus parceiros, estarão ainda mais e mais esquecidas, emudecidas pela impossibilidade de apresentarem suas falas à sociedade que, conhecendo-as melhor, poderia deixar de julgá-las.

Conclui-se portanto que é possível ressocializar pessoas através da literatura, da poesia, da educação. As pessoas sempre podem utilizar de conhecimentos novos para recheiar seu cérebro de excelentes idéias que somente boas leituras é que possibilitarão. Acreditar que podemos fazer a diferença com pessoas tão discriminadas é ainda crer que se pode ainda crer no ser humanos independente do grau de estigmatização que uma sociedade hipócrita insiste em não querer reformular. Após esta Oficina de poesia com as dezesseis sentenciadas do presídio de Florianópolis/SC, observou-se através de pesquisa, que nenhuma delas reincidiu, o que foi uma surpresa maravilhosa e uma constatação que algo que se fez contribuiu para esta mudança!

Como dizia LF, 4^a série, 42 anos e 8 anos de pena, “não se deixe destruir, sempre há luz, em algum lugar! Vivemos num mundo cruel. Levanta-te, vai em frente, ajuda-te, aprenda. Que essa luz, em algum lugar, vai lhe encontrar”.

Referências

- BACHELARD, G. *L'Eaut et lés rêves. Essai sur l'imagination de la matière*. Paris: José Corti, 1942.
- BRANDÃO, Isabel In: - SCHMIDT, Rita Terezinha. *Mulheres e Literatura*. Porto Alegre: Ed. Pallossi, 1997.
- BOSI, Alfredo. A Escrita e os excluídos . In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das letras, 2002.
- BOSI, Alfredo. Gramsci, a intimidade revelada. In: *Folhetim*, n. 232. São Paulo: Ática, 1988.
- CANAL, Fredo. *Arias de la El protoidioma en la Poesia de Alfonsina Storni*. México: Frente de Afirmación Hispanista, AC. 2001.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *História das Mulheres de SC*. Chapecó: Argos, 2001.
- DINIZ, Alai Garcia. (I)magens em torno de capricho e vergonha. In: MORAES, Riah, C. et alii *Genealogias do Silêncio: feminismo e gênero*: Ed. Mulheres, 2004.
- DINIZ, Alai Garcia. Alfonsina Storni e o discurso desbocado da loba. In: *As mulheres são o diabo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.
- ELIOT, Thomas Sterarns. *The Use of Poetry and the Use of criticism*. London: Faber, 1933
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 11 ed. Petrópolis, Vozes, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- LAGARDE, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madre-esposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Dirección General de Estudios de la posgrado da Universidad Nacional Autónoma, 1997, p. 642.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las mediaciones. In *Comunicación, cultura y hegemonia*. México: GG Mass Média, 1987.
- MORGA, Elenir. *História de Mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2001.

MESERANI, Samir Curi. *Redação Escolar: Criativa* – São Paulo: Ática, 2001.

SANCHES, Guadalupe. Avaliação da Auto-Estima. *Revista de Psicologia*, v. XX, 2º semestre de 1997, n. 02, Perú: Fundo Editorial da PUC do Perú, 1977